

PSICOLOGIA

***Bullying* e adolescência: experiência em uma escola pública de Teresina-PI**

Thayse Emanuelle Menezes dos Santos¹ | Francisco de Oliveira Barros Júnior²

Resumo: O presente artigo é um recorte da Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI, defendida em 2012, intitulada "As implicações do *bullying* nas subjetividades de adolescentes de uma escola pública de Teresina-PI". Os objetivos foram desvendar as repercussões do *bullying* na sua relação com a formação das identidades de adolescentes em uma escola pública de Teresina-PI; descrever os fatores desencadeantes das práticas de *bullying* entre os adolescentes de escola pública; elencar os múltiplos discursos proferidos sobre esta temática e proceder a um levantamento das ações produzidas visando o enfrentamento do *bullying* nas escolas. Esse estudo foi realizado a partir da abordagem qualitativa, configurando uma pesquisa de campo do tipo exploratória. Foram adotadas a observação participante, palestras, entrevistas semi-estruturadas e oficinas em uma escola da Rede de Ensino público de Teresina – Piauí. Os sujeitos da pesquisa foram 6 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, entre 12 e 16 anos de idade, sendo 2 autores, 2 alvos e 2 testemunhas; 2 professores e 2 membros da equipe diretiva. E tiveram como conclusões a urgência de ações de enfrentamento antibullying, contínuas, entre os adolescentes; e maiores discussões sobre a temática a partir de vários saberes envolvendo família, escola e adolescentes.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Adolescência.

1. Possui graduação em Psicologia (FSA), especialização em Psicologia Clínica (FSA), mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí. Atua como ministrante de palestras e cursos sobre adolescência, violência e saúde mental, e na área de Psicologia Clínica. - E-mail: emanuelle.thayse@gmail.com
2. Possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade de Fortaleza (1984), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Piauí, atuando principalmente no seguinte tema: bioética, síndrome de imunodeficiência adquirida, envelhecimento, educação gerontológica, universidade aberta para terceira idade.

Introdução

A violência não se apresenta como fato novo e ainda preocupa a sociedade que convive com ela em diferentes âmbitos (física, verbal, etc) e locais (casa, trabalho, escola, etc). Etimologicamente a palavra violência remete à noção de força, mas são numerosos os estudos que consideram como violentas as situações que não envolvam somente a força física, como também as agressões por meio de palavras e atitudes.

Atualmente, tem-se visto a frequência de casos de violência escolar praticada por jovens, destacando o *bullying*, sendo publicizados no Brasil e mostrando a importância de se trabalhar com esse tema uma vez que afeta o ambiente escolar, alunos, professores, família, enfim a sociedade como um todo.

Nesse contexto, surgiu interesse em realizar pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI, nos anos de 2010 e 2011, com os objetivos de desvendar as repercussões do *bullying* na sua relação com a formação das identidades de jovens em uma escola pública de Teresina-PI; descrever os fatores desencadeantes das práticas de *bullying* entre os jovens de escola pública; elencar os múltiplos discursos proferidos sobre esta temática e proceder a um levantamento das ações produzidas visando o enfrentamento do *bullying* nas escolas.

Esse estudo foi realizado a partir da abordagem qualitativa, configurando uma pesquisa de campo do tipo exploratória. Na pesquisa foram adotadas a observação participante, palestras, entrevistas semi-estruturadas e oficinas em uma escola da Rede de Ensino público de Teresina – Piauí. Os sujeitos da pesquisa foram 6 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, entre 12 e 16 anos de idade, sendo 2 autores, 2 alvos e 2 testemunhas; 2 professores e 2 membros da equipe diretiva. É bom lembrar que os sujeitos foram identificados por números preservando assim o anonimato.

Antes de escolher a escola pesquisada foram realizadas palestras em 6 instituições escolares, sendo 4 públicas e 2 privadas, com o intuito de estimular discussões e possíveis ações sobre a temática *bullying*. O público foi formado por alunos e professores do ensino fundamental e médio.

As perguntas mais frequentes das palestras foram: Quais as diferenças do *bullying* para brincadeiras normais entre jovens? *Bullying* tem cura? Tem diferenças do *bullying* praticado por meninos e meninas? Como lidar com os

agressores de *bullying*? Quais os maiores danos do *bullying* para os jovens e a escola? Que medidas a escola pode fazer para minimizar o *bullying*? *Bullying* só se dá entre alunos? Pode ser de alunos contra professores e vice-versa? Quais as causas das práticas de *bullying*? Existe diferença de manifestação de *bullying* em escolas públicas e privadas?

A escolha de uma escola de ensino público aconteceu devido à carência de profissionais de Psicologia no serviço educacional público do Estado e à falta de atividades de prevenção e intervenção relacionadas ao *bullying* nas escolas do Piauí. A Unidade Escolar Freitas Neto, localizada na zona norte de Teresina - PI, no bairro Mocambinho, é uma escola pública ligada à Secretaria de Educação do Estado do Piauí.

Vale destacar que os sujeitos da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as diretrizes nacionais e internacionais e com as recomendações éticas para este tipo de pesquisa. E o protocolo da pesquisa foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI.

Fundamentação teórica

a) Aspectos históricos e conceituais

A violência pode ser considerada como um fenômeno complexo, dinâmico, histórico e biopsicossocial, onde seu espaço de produção e desenvolvimento é a vida em sociedade (MINAYO, 2005).

No meio escolar, foi a partir das três últimas décadas do século XX, que a violência do tipo *bullying* alcançou maior visibilidade. Este tipo de violência ocorre entre pares, sendo caracterizada pela persistência no tempo e conceituada como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, tais como: chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir, que ocorrem entre colegas sem motivação evidente e repetidas vezes, quando um grupo de alunos ou um aluno com mais força vitimiza outro que não consegue encontrar um modo eficaz para se defender (NETO, 2005).

Essa conceituação foi reforçada pelo alvo 1:



São várias agressões juntas, várias vezes, que fazem o outro colega se sentir triste, mal. Vai desde um “puxão” no cabelo até humilhação mesmo. A pessoa nem consegue levantar a cabeça, mesmo quando alguns falam: levanta, sacode a poeira e dá volta por cima.

A indiferença marca presença na sociedade individualista (LIPOVETSKY, 2005). A sociedade hoje é marcada por uma “anorexia moral” que se reflete no descompromisso causado pelo sentimento individual de apatia em relação à vida social, na ausência de utopias, na perda do sentido de viver, na falta de solidariedade, na ausência de parâmetros definidos sobre o que é certo e errado. De acordo com Cardia (1997), famílias onde há violência entre seus membros têm alta probabilidade de estarem socializando os filhos para a violência, dificultando a capacidade destes de se integrarem e interagirem com os outros. Isso foi reforçado por um membro da Diretoria da escola pesquisada: *“Os pais precisam acompanhar mais os filhos, porque muitas vezes os problemas vêm de casa e a escola não pode se responsabilizar sozinha. Falta conscientização”*.

Fante (2005) chama a atenção para os fatores externos e internos que podem influenciar a violência escolar. Entre os fatores externos, a autora cita **o contexto social**, responsável pela exclusão daqueles que não têm acesso a benefícios sociais; **os meios de comunicação**, que promovem a banalização das relações interpessoais e **a família** – primeiro local onde as crianças aprendem a relacionar-se com outras pessoas, estendendo o comportamento aprendido para outros locais, como a escola.

Como fatores internos, Fante (idem) cita: **o clima escolar**, onde, tradicionalmente, tem-se desrespeitado as diferenças individuais no estabelecimento de um clima de igualdade para facilitar o manejo da aplicação dos conteúdos disciplinares. Como consequência é observada a estigmatização daqueles que não apresentam o resultado esperado, fazendo com que o aluno se sinta cada vez mais distante dos objetivos de melhoria de vida por meio da educação recebida nas escolas. Além disso, há **as relações interpessoais**, que formam a base do desenvolvimento emocional, podendo ser positivo – quando há reciprocidade nos relacionamentos afetivos – e negativo – quando ocorre a exclusão; **a discriminação**, que origina conflitos, estresse e inaptações; **a relação professor - aluno** que se caracteriza por uma luta constante de disputa de poderes



e medição de forças, resultando em alunos e professores estressados.

O *bullying* é considerado um estressor social crônico, que pode ocasionar diversos problemas para a vida do indivíduo, como depressão, ansiedade, estresse, e baixa autoestima (HAMILTON, 2008; LUND, 2008; VAN DER WAT, 2003 apud LISBOA, 2009). Corroborando essa ideia, Salmivalli e Voeten (2004) afirmam que é um processo que ocorre na esfera coletiva, portanto é um fenômeno social.

b) Entrada na escola: multiplicidade de sentidos

Ao adentrar no campo, foi possível aproximar-se da dinâmica da escola, observar a entrada dos alunos do ensino fundamental, para o início das aulas, o horário do recreio; onde alguns estudantes se mostravam sozinhos, sem participar de um grupo – o que é tão característico da adolescência. Para Bock (2004), o adolescente não é algo “por natureza”. Como parceiro social está ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, o modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os adolescentes têm então a referência para a construção de suas identidades e os elementos para a conversão do social em individual. Convém reforçar que um olhar construcionista propõe que desnaturalizemos, desreifiquemos e dessencializemos as nossas construções identitárias.

A partir das entrevistas, emergiu os sentidos produzidos pelos professores e alunos em relação ao *bullying* e suas manifestações em sala de aula. Na perspectiva construcionista, a produção de sentidos não é considerada produto de uma atividade intraindividual, nem é simplesmente a produção de modelos pré-estabelecidos. É considerada uma prática social, dialógica que, segundo Spink (2000), implica frequentemente o uso de conceitos expressos em linguagem verbal, gestual – ponto central das práticas discursivas. Vale destacar o discurso do autor 1: *“A sociedade tá cheia de problemas, precisa ter gente que faça valer, que acabe com a violência, e que escute principalmente os jovens, temos boas ideias também.”*

A produção de sentido e as práticas discursivas são relevantes à medida que visibilizam a importância da linguagem na interação social, visto que ao significar as práticas, as pessoas produzem sentidos e posicionam-se em redes discursivas. Essa produção de sentido é orientada pelas práticas discursivas, isto

é, pela forma como os sujeitos significam determinados discursos. Esse processo de significação coloca os sujeitos em redes discursivas, fazendo com que produzam determinado modo de ser e de viver.

Nessa perspectiva, é possível compreender os sentidos que os sujeitos da pesquisa produzem em relação aos motivos, aos sentimentos, às experiências e ao contexto relacionado ao *bullying*. Como já expressei, as questões que emergiram a partir dessas observações participantes e do diário de campo são relacionadas à família, a escola, aos tipos de agressão, e o diálogo. É importante ressaltar que essas questões são compreendidas como vetores de determinados discursos que se interpelam e não como categorias estáticas. Dentro do modo como significam esses discursos, emergiram sentidos sobre a vulnerabilidade social; falta de diálogo; a falta de “voz ativa na família”; afetividade; autoridade, principalmente relacionada à família; valores para distinguir o certo do errado; diferenciação entre brincadeiras e *bullying*; culpa.

Os sentidos produzidos sobre as condições de vulnerabilidade social remetem a marcadores identitários que inscrevem os adolescentes como população considerada vulnerável (ser pobre, negro, morador da periferia, etc). Quando esses marcadores identitários são os únicos a partir dos quais os jovens passam a ser reconhecidos, podem operar no sentido de limitar as possibilidades de os sujeitos se posicionarem a partir de outras marcas que não as de população vulnerável. Isso é destacado na fala do autor 2: *“Eu acho que a maioria do pessoal que mora na periferia é assim meio revoltado, sabe? A gente é muito discriminado, principalmente pela classe alta, entendeu. Olham torto pra gente. E quando a violência aparece, pronto, sobra pra nós.”*

Nesse contexto, quando um adolescente afirma: “eu sou vítima de *bullying*”, tal afirmação afeta o que ele é. São justamente os elementos centrais da sua configuração enquanto indivíduo que são atacados pelas práticas violentas dos agressores. Ele é “esquisito”, “feio”, “viado”, “gordo”. O verbo ser é central. As características que são alvejadas pelo escárnio alheio são marcas viscerais do seu portador. Aquilo que ele tem de mais íntimo e subjetivo é atingido e as sequelas são os sinais do sofrimento e da dor. Ao entendermos as identidades como um modo de inscrição em uma rede discursiva, torna-se importante afirmar que essas redes criam aparatos técnicos para capturar as diferenças, não para apagá-las, mas justamente para experimentá-las como uma diferença problemática

que deve ser regulada, controlada e administrada como um modo de reforma política dos corpos e das almas, a fim de buscar o que Zizek, Butler e Laclau (2000, p. 12) sugerem como “uma estrutura do sujeito universal moderno”.

Dessa forma, quando os adolescentes são inscritos como vulneráveis por programas de Políticas Públicas, aceitam essa inscrição devido às marcas identitárias. Consequentemente, a partir delas os programas buscam capturar os jovens, passando a instituir como devem conduzir ou pensar suas vidas e a melhor maneira de viverem. Os objetivos desses programas são, portanto, legitimados por campos de saber “especializados” que se apóiam em categorizações e classificações responsáveis por ordenar e regular a vida social (GUARESCHI, 2006).

Certamente, no enfrentamento da violência escolar, em especial o *bullying*, o papel do professor é fundamental, por interferir na realidade e possibilitar ao aluno a construção de representações sobre a sociedade. Assim, elencar culpas paralisa as ações dos professores e demais profissionais na escola e impede a compreensão das várias nuances da violência. Na verdade:

É importante palestras para família e escola; distribuição de materiais educativos sobre o tema; criação de ações pelos alunos envolvendo artes em geral, mapeamento das atividades de lazer no bairro da escola; presença de profissionais da Psicologia, Psicopedagogia, Serviço Social, etc; enfim ações que fizessem parte do calendário escolar. E para isso se concretizar apoio do Estado (professor 1).

A escola por si só não forma cidadão sujeito de direitos e deveres, uma vez que é função da escola propiciar condições para que ele possa se formar e se construir. Ela é na verdade uma instituição inserida num contexto histórico, que recebe influências externas e pode influenciar naquilo que acontece ao seu redor, numa determinada realidade. Também é função da escola socializar a cultura, respeitar individualidades e encorajar atitudes questionadoras. E é preciso compreender que a escola não está alheia ao que ocorre na sociedade, como também não se encontra imune às influências que lhe são impostas.

Considerações finais

O *bullying* não deve ser visto como um fenômeno exclusivo da atualidade, porém merece atenção hoje pelas repercussões que geram nos sujeitos, preocupações causadas nas famílias e escolas, e principalmente pela grande influência que as tecnologias exercem nessas práticas. A sua visibilidade ampliada é resultado do espaço que tem sido dado a ele na chamada "idade mídia". As violências têm sido banalizadas e espetacularizadas nos veículos midiáticos.

As manifestações de violência, em seus diferentes níveis, são frutos de um comportamento manifesto no qual a intolerância se constitui em seu elemento fundamental. Neste caso, as relações sociais produzidas pelos diferentes atores sociais estão pautadas na dificuldade de convivência entre as diferentes percepções de mundo. Cada ator social constrói para si e para o seu grupo as suas regras que podem não se coadunar com as dos outros grupos. Nesse contexto, o desrespeito entre os grupos, pautados por princípios coletivos, que gera posturas intolerantes na relação o eu e o outro. O princípio da alteridade deve sempre fomentar a possibilidade de diálogo em um sistema social heterogêneo e conflitante como muitas vezes é o ambiente escolar.

Com isso, perpassam algumas indagações: será que respeitamos as diferenças ou incitamos seu acontecimento através de preconceitos? Será que nós sabemos conviver ao resolvermos nossas diferenças através da violência? Será que realmente somos adeptos do respeito à diferença se vivemos rodeados de apelidos depreciativos sobre este ou aquele grupo?

Nesse sentido, a contribuição da Psicologia da Educação, acreditamos, está no viés das inter-relações que o sujeito estabelece nos seus diferentes espaços sociais. A partir do momento que observamos que essas relações existem, e em especial na escola, há que se pensar no cultivo das relações interpessoais. Ao valorizar as experiências particulares de grupos e indivíduos, estamos aceitando a coexistência de códigos e de mundos com diferentes objetivos, reconhecendo então a heterogeneidade dentro da singularidade.

Assim, a pesquisa mostrou a relevância de se trabalhar com essa temática envolvendo vários saberes: Psicologia, Pedagogia, Sociologia, etc, uma vez que o problema da violência deve ser compreendido por meio da análise social dos meios de organização e de como tais forças se materializam nos sujeitos que atuam nesse meio. Para estudar a violência, é preciso criticidade, de modo a

mostrar suas múltiplas tensões e questionar o sentido social dos fenômenos singulares encontrados. Nesse contexto, o *bullying* não pode ser sinônimo de uma mera classificação e quantificação, mascarando as contradições que existem na sociedade, enfim não pode ser banalizado.

Referências bibliográficas

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, Abril. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado dia 24 de junho de 2010.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. **Contemp. Educ.**, v. 2, n. 2, p. 26 - 99, 1997.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

GUARESCHI, N. M. F. et al. Discussões sobre violência: trabalhando a produção de sentidos. **Psicologia- Reflexão Crítica**. Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.ph>. Acessado em 02 de junho de 2011.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. Porto Alegre: RS. Tese de Doutorado. UFRS, 2005.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

MINAYO, M. C. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência, Saúde Coletiva**. 2005. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf> Acessado em 10 de agosto de 2011.

LOPES NETO, Aramis. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. v. 81, nº 5, p. 164 - 172, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.ph>. Acessado em 12 de maio de 2011.

SALMIVALLI, C.; VOETEN, M. *Connections between attitudes, group norms and behaviors associated with bullying in schools*. **International Journal of Behaviors**, 2004.

SPINK, M. J. P (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodologias. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ZIZEK, S.; BUTLER, J.; LACLAU, E. *Contingency, hegemony universality: contemporary dialogues on the left*. London: Verso, 2000.

ABSTRACT

This article is an excerpt from the dissertation of the Graduate Program in Public Policy UFPI, defended in 2012, entitled "The implications of the subjectivities of adolescent bullying in a public school in Teresina-PI." The objectives were to unravel the effects of bullying in their relationship with the formation of identities of adolescents in a public school in Teresina-PI, to describe the triggering factors in the practice of bullying among adolescents from public schools, to list the many speeches on this topic and conduct a survey of the actions produced aimed at coping with bullying in schools. This study was conducted from a qualitative approach, setting a field survey of the exploratory type. Were adopted participant observation, lectures, semi-structured interviews and workshops in a school of public Education Network Teresina - Piauí. The subjects were six students from 6th to 9th grade in elementary school, between 12 and 16 years of age, two authors, two goals and two witnesses, two teachers and two members of the management team. And as conclusions were the need for action to confront anti-bullying, continuous, among adolescents, and further discussions on the topic from various knowledge involving family, school and adolescents.

Keywords: *Bullying*. School. Adolescence.

PSICOLOGIA

Leitura, currículo e universidade: uma caracterização do comportamento de leitura dos alunos de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí a partir de indicativos da prática curricular

Fauston Negreiros¹ | Layane Bastos dos Santos²

Resumo: Ao considerar o comportamento de leitura como mediador para que haja novas aprendizagens e, conseqüentemente, ser este comportamento imprescindível para a formação universitária, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa com 25% (68) alunos do curso de Psicologia da UESPI, com amostra composta por alunos que estão cursando do segundo ao último semestre. A meta maior deste estudo foi de relacionar aspectos e indicativos curriculares no curso de Psicologia com o comportamento de leitura dos discentes. Foram aplicados dois instrumentos, o primeiro investigou as atitudes de leitura dos sujeitos quanto aos seguintes aspectos: leitura/aprendizagem, sentimentos afetivos frente à leitura e leitura e lazer. O segundo instrumento caracterizou o comportamento de leitura quanto aos fatores que influenciam a autoavaliação como leitor, significados sobre leitura, estratégias de leitura face aos textos escolares, dificuldades na leitura de textos escolares, percepção quanto a eficiência de estratégias de estudo e dificuldades no curso. É imperioso ressaltar que os referidos instrumentos foram cruzados com os currículos efetuados no momento. Os resultados apontam para reflexões críticas e pertinentes acerca do trabalho, com a leitura nos cursos de graduação de Psicologia, além de indicarem a necessidade de mais estudos e exploração sobre a temática.

Palavras-chave: Leitura. Universidade. Currículo

1. Psicólogo pela Universidade Estadual do Piauí (2005). Mestre e Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2012). É professor-pesquisador adjunto da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Associado da ABRAPEE. - E-mail: professorfn@yahoo.com.br

2. Possui graduação em BACHARELADO EM PSICOLOGIA pela Universidade Estadual do Piauí e Técnico em Publicidade pelo Instituto Federal do Piauí-IFPI. É especialista em Gestão de Pessoas pelo Instituto de Estudos Empresariais-IEMP e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica. Possui empregatício efetivo no Instituto Federal do Tocantins-IFTO. É professora substituta na Universidade Estadual do Maranhão e professora colaboradora do Instituto Nordeste de Educação Superior e Pós-Graduação - INESPO.